


DITADURAS: ONTEM E HOJE

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.643132408111>

Data de aceite: 08/11/2024

Angélica Maria Alves Vasconcelos

Doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Letras - Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2016). Possui graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Federal de Goiás (2003) e graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás (1999). É diplomada em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Idiomas. É professora nível 2 da Escola Municipal Cel. José Viana Alves no turno noturno (EAJA). Professora nível 5 no Colégio Estadual Robinho Martins de Azevedo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e Crítica Literária. É fluente em Língua Espanhola

RESUMO: Ditaduras sempre existiram, desde a antiguidade até os dias atuais. E essa continuidade se dá por meio de ideologias - que se dizem para o bem da nação - mas que, na prática, apenas servem aos próprios interesses de um grupo ou de um ditador. As razões são as mais diversas: para evitar o comunismo ou para implantá-lo.

PALAVRASCHAVE: Ditaduras; Antiguidade; Contemporaneidade; Continuidades.

ONDE TUDO COMEÇOU? O CONCEITO DE DITADURA

Não podemos esquecer que a ditadura teve seu início na antiguidade e vem perpassando todos esses séculos, ainda existindo na contemporaneidade e, com certeza, se perpetuará pelos anos vindouros.

O conceito de ditadura se origina da Roma antiga. Em latim, a palavra era “dictatura”. O verbo “dictare” latino originou o verbo ditar, ato de enunciar palavras que alguém escreve e, por analogia, o de prescrever, ordenar, impor um mandamento.

Ditador é quem dita e ditadura é a ação de ditar, vale dizer, metaforicamente, de emitir mandamentos, independentemente do regime político e da forma governativa correspondentes: são igualmente ditaduras os governos despóticos, fascistas e quaisquer outros totalitários, de direita ou de esquerda, porque, em todos, existe a imposição de um grupo, de um partido ou de militares.

Seja qual for a sua designação, consista em um único indivíduo ou em uma assembleia, esteja ou não distribuído por entre os chamados poderes legislativo e executivo, há, sempre, uma característica comum: não há liberdade de expressão e, em alguns casos, nem qualquer liberdade de manifestação.

Para começar, a ditadura romana era uma instituição de caráter extraordinário. Só era ativada em circunstâncias excepcionais, para fazer frente a situações de emergência, como uma crise interna ou uma guerra. O ditador era nomeado por um ou pelos dois cônsules - os chefes do governo romano -, de acordo com o senado e por processos definidos constitucionalmente. Da mesma maneira, também eram definidos os limites de sua atuação.

Ainda assim, os poderes do ditador eram muito amplos e seus decretos - o que ele "ditava" (e vem daí "ditadura") - tinham o valor de lei. Apesar disso, seus poderes não eram ilimitados: o ditador não podia revogar ou mudar a Constituição, declarar guerra, criar novos impostos para os cidadãos romanos, nem exercer o papel de juiz nos casos de direito civil. Finalmente, a ditadura tinha sua duração explicitamente fixada: não podia durar mais de seis meses....

O QUE OCACIONOU, NO SÉCULO XX, VÁRIOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA, SOFREREM DITADURAS MILITARES?

No século XX, vários países da América Latina sofreram ditaduras militares, devido à fragilidade de suas instituições democráticas e às influências da União Soviética, via o regime cubano de Fidel Castro e a figura de Che Guevara. Alegou-se que os militares estavam evitando a implantação de regimes comunistas.

Na Europa, observamos este fenômeno na Itália - com Benito Mussolini (1922 a 1943), na Alemanha - com Adolf Hitler (1933 a 1945) e na União Soviética - com Josef Stalin (1922 a 1953).

Também na África e na Ásia, temos países que sofreram ditadura militar, como a Líbia, liderada por Kadafi (1969 - 2011) ou o Camboja, governado por Pol Pot (1963 a 1979).

Devemos elencar alguns elementos em comum que delineiam o conceito de totalitarismo, tanto no exemplo de regime totalitário de extrema-esquerda (União Soviética) quanto nos regimes totalitários de extrema-direita (Alemanha e Itália).

A Alemanha, no momento de ascensão do partido nazista, passava por crise financeira e institucional deixada pela Primeira Guerra Mundial, o que resultou na fome e no desemprego. Hitler e o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães surgiram como uma esperança de recuperação.

O Brasil sofreu ditadura em dois períodos de sua história: no governo de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945), e a ditadura militar entre 1964 á 1985.

Ambas as ditaduras foram instaladas depois de um golpe de Estado contra um governo democrático. Nessa altura, além de ter sido instaurada a censura, os opositores foram perseguidos e as liberdades individuais foram restringidas.

Atualmente, a expressão ditadura...

Atualmente, a expressão ditadura serve para designar os regimes de governo não democráticos ou antidemocráticos, isto é, aqueles onde não há participação popular, ou onde isso ocorre de maneira muito restrita. Nesse sentido, de igual à ditadura romana ela só apresenta uma coisa: a concentração de poder nas mãos do ditador.

Além disso, a ditadura moderna não é autorizada por regras constitucionais: ela se impõe de fato, pela força, subvertendo a ordem política que existia anteriormente... É o que acontece nos tempos atuais, pois a ditadura também se modernizou. Algumas tem um partido político por trás. Outras tem a conivência do poder legislativo e até do judiciário. Costumam utilizar recursos democráticos, como as eleições, para disfarçar seu caráter autoritário.

Na época moderna, o primeiro ditador militar foi Napoleão Bonaparte quando se proclamou Primeiro-Cônsul da França. Desta maneira, o poder civil passou a ser exercido por um general que concentrava todos os poderes na sua pessoa.

Neste período, a ditadura é sorrateira, camuflada e sutil, porém violenta, ou seja, é um novo paradigma de açoitamento, dominação e exploração. Acreditamos que nas ditaduras contemporâneas há um silêncio nas palavras, na imprensa e na justiça. E um expurgo deliberado daqueles que se levantam contra os regimes. Por esta razão há tantos exilados em várias partes do mundo, inclusive próximos de nós.

O mais importante para os governantes é passar o discurso fingido, que aceita a diversidade cultural, finge não aceitar o sistema capitalista, mas a hipocrisia reina, dando sustentação aos “bandidos de colarinho branco” para continuarem seu legado de regalias e mordomias e nada fazer em prol da nação. Acrescenta-se à essa proposta segundo (Arendt, 2014, p.223) “Nessas circunstâncias, que naturalmente sempre existiram, o discurso transforma-se, de fato, em “mera conversa”, apenas mais um meio de alcançar um fim, quer iludindo o inimigo, quer ofuscando a todos com propaganda”

O que vemos é o jogo do ódio entre ideologias de diferentes espectros e a parte principal, o povo, vira refém desse jogo. As pessoas são apenas brinquedos, marionetes mesmo, nas mãos dos políticos ou regimes, que se dizem democráticos.

Uma das fontes vitais dos governos ditatoriais é alienar e desmancipar os indivíduos, para que eles continuem aceitando suas imposições sem refutar. Não oferecem condições a todos para serem emancipados. Pelo contrário, querem um povo “emburrecido” e extremamente ignorante, sem nada saber o que realmente acontece nas entrelinhas do discurso, das ideologias e políticas dos governantes.

SEGUNDO KANT, O QUE É ESCLARECIMENTO?

Segundo Kant esclarecimento é:

A saída do homem de sua menoridade da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Tem coragem de fazer uso de seu próprio entendimento. (1985, p.100)

Esclarecer significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento, sem a tutela de outrem. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, mas o Estado pode estar conspirando para que ele não atinja o entendimento e consiga se livrar daquela tutela.

Ousar saber, ter coragem de servir seu próprio entendimento é o primeiro passo para a emancipação individual. Consequentemente, atingida a maioridade individual, é possível à sociedade como um todo avançar para obter um regime realmente democrático.

Abordando a questão da comodidade: é muito fácil ser menor, se colocar numa situação em que se vê como oprimido e vítima, reclama de tudo, daquilo que te oprime, mas luta muito pouco para sair dessa situação que se encontra.

Entretanto, existem todos os perigos de se ver numa situação de opressão ao se submeter à supervisão do outro, à ameaça constante e sob a estrutura social de controle. Arendt (2014, p.149) complementa: “O perigo aqui é obvio. O homem não pode ser livre se ignora estar sujeito à necessidade, uma vez que sua liberdade é sempre conquistada mediante tentativas, nunca inteiramente bem-sucedidas, de libertar-se da necessidade”.

Enquanto o próprio indivíduo não buscar o esclarecimento dito por Kant, os políticos viverão em sua zona de conforto, rindo da ingenuidade do povo. Colocando uns contra os outros, dividindo em contras e a favor, manipulando as massas e se servindo da ignorância para se manter e se perpetuar no poder.

As elites intelectuais, professores e artistas principalmente, são cooptadas ou impedidas de se manifestarem. Alguns covardes ficam aliviados por ter a desculpa por nada fazerem pela nação, pelo contrário, sua inação impede cada vez mais os sonhos dos ingênuos, empobrecendo a educação reflexiva e crítica e com isso fortalecendo o regime de plantão.

AINDA HÁ DITADURA EM PLENO SÉCULO XXI?

Por incrível que pareça ainda há ditadura explícita em pleno século XXI nos países como China (1949), Coreia do Norte (1953), Cuba (1959), Chade (1990), Eritreia (1991), Bielorrússia (1994), Venezuela (1999), Omã (1932). Isso é uma tragédia. E antes de concluir o assunto, (Arendt, 2014, p. XVI) “reafirma sua convicção de que o totalitarismo, como potencialidade e perigo sempre presente, tende doravante a nos fazer companhia, independente das falências dos próprios regimes”.

E, PARA REFLETIR, O TOTALITARISMO CONTINUA? O QUE É TOTALITARISMO SEGUNDO HANNA?

Em *Origens do Totalitarismo* (2013), Hannah Arendt propôs considerações decisivas sobre um dos mais complexos modelos políticos do nosso mundo contemporâneo: o totalitarismo, surgido entre as duas guerras e movido pelos estados fascista e comunista.

Nesse ensaio, Arendt mostrou que, diferentemente das tiranias e das ditaduras, o totalitarismo conta com o apoio das massas, num projeto que visa sequestrar a consciência do indivíduo em favor do regime político. (Arendt 2014, p. XVI) cita: “No totalitarismo o terror visa gerar indivíduos que não almejem a coisa alguma não definida na ideologia e que no seu desamparo já não participem do temor da própria aniquilação”.

Apesar de alguns teóricos tentarem imputar a origem do totalitarismo ao comunismo, seja pela dissidência, seja pela reação, não é possível, a partir de uma análise isenta de visões ideológicas, apresentar um motivo preciso que tenha dado origem a todos os regimes totalitários. É notório, porém, que há um elemento em comum entre eles: a crise.

Todos os regimes totalitários na modernidade surgiram em uma época de crise. Na Europa, crise deixada principalmente pela Primeira Guerra Mundial e por políticas econômicas ineficazes. A crise levou a uma caótica situação de alta inflação, miséria, fome, desemprego e falta de assistência básica à população.

Os regimes políticos totalitários apareceram naquele cenário caótico como possíveis soluções para os problemas da população e, por isso, ganharam apoio popular. Podemos associar, então, a origem do totalitarismo ao ódio a alguma categoria social, justificada pelo medo e pelo terror imputados na população.

O totalitarismo foi um regime político que surgiu e desapareceu em países europeus no século XX. Os regimes totalitários têm em comum o controle total da vida pública e da vida privada. Para se manterem, os países que adotaram o totalitarismo elegeram líderes totalitários, que centralizaram as diversas figuras do poder e a atuação do Estado em si mesmos, além de investirem fortemente em propaganda. Criaram, pela propaganda, inimigos em potencial que se tornaram a maior justificativa para o regime de força.

O totalitarismo é o controle total da vida da população, tanto no âmbito público quanto no âmbito privado, exercido pelo Estado. Essa característica difere o totalitarismo das ditaduras, pois ela confere ao Estado plenos poderes de decidir arbitrariamente sobre tudo aquilo que a população pode ou não acessar, em todos os aspectos de sua vida. Isso faz com que o Estado seja excessivamente inflado, Apesar de haver o registro de um regime totalitário de esquerda (o stalinismo), não se pode dizer que os regimes totalitários sejam, essencialmente, de esquerda.

Em alguns países, especialmente nos asiáticos, o regime implantado levou ao culto à personalidade e, como estratégia, os grupos ou líderes propagaram o nacionalismo e o patriotismo como elementos essenciais para o crescimento da nação. Há também o unipartidarismo.

NOVAS FERRAMENTAS, VELHAS IDEIAS DO TOTALITARISMO

A propaganda é uma arma essencial para manter a sociedade informada daquilo que o regime quer. Todos os regimes totalitários investem fortemente em publicidade para propagarem os seus ideais e manterem o domínio ideológico sobre o povo. A ideia é a de manter o apoio popular, mesmo em momentos de crise.

A propaganda nazista, stalinista e fascista foi extremamente forte, sempre apresentando o líder e o Estado como os salvadores da pátria contra os inimigos. Qualquer indício de pensamento liberal ou antinacionalista (como a defesa da cultura e da economia globalista) era combatido com a incisiva propaganda, que dominava todos os meios de comunicação. Hoje, nas nações com regimes totalitários, os meios de propaganda e toda a imprensa estão sob controle central. (Hanna, 2014, p.179) diz: "... as ferramentas assumem muito provavelmente um caráter ou função mais meramente instrumental".

As rádios, o cinema, os jornais, tudo que é meio de disseminação cultural deve passar pelo crivo do Estado. Para controle efetivo dos meios de comunicação e garantia da propaganda, os líderes totalitários criam ministérios e secretarias para regulamentação midiática. Assim fica evidente que o totalitarismo finca raízes por todos os tempos. E de acordo com Arendt, 2014, p.185) diz: "A automação representa o estágio mais recente desse desenvolvimento "ilumina toda a história do maquinismo"

O medo, terror e policiamento: há um constante policiamento da população. O terror é espalhado como sendo um elemento real, o que causa medo nas pessoas, que se permitem serem governadas totalitariamente. Os militares são regidamente beneficiados para darem suporte ao regime, visto que são eles que tem a força em suas mãos.

Eliminação das singularidades e expressões: o Estado totalitário visa eliminar as diferenças de pensamento existentes entre as pessoas. O intuito é criar um corpo total igual, implantar as mesmas ideias nas pessoas por meio da propaganda, impor os mesmos produtos para o consumo e controlar as suas vidas privadas e consciências.

No Brasil a articulação entre os empresários e os militares conduziu ao golpe civil-militar desencadeado em 31 de março e consumado em 1º de abril de 1964, em meio à agitação política desencadeada com a renúncia de Jânio Quadros.

Saíram vitoriosas, portanto, as forças socioeconômicas dominantes, o que implicou a adequação da ideologia política ao modelo econômico. Em consequência, o nacionalismo desenvolvimentista foi substituído pela doutrina da interdependência.

Consumou-se, desse modo, uma ruptura política, considerada necessária para preservar a ordem socioeconômica, pois se temia que a persistência dos grupos, que então controlavam o poder político formal, viesse a provocar uma ruptura no plano socioeconômico. Portanto, se a "Revolução de 1964" foi realizada para assegurar a continuidade da ordem socioeconômica, é inegável seu significado de "mudança política radical", atestada até mesmo pelo simples fato da permanência dos militares no poder por 21 anos, caso inédito na história política brasileira.

OS DITADORES DE ONTEM E DE HOJE CONTINUAM OS MESMOS?

Estranhamente, e ao que tudo indica, os ditadores de ontem e de hoje em pleno século XXI, continuam os mesmos: marginalizam e menosprezam o povo, sua meta principal é empobrecer o intelecto dos indivíduos evitando questionamentos e revoltas. As ditaduras de hoje são disfarçadas de tolerâncias, justiça e igualdade. Trata-se do “pão e circo” da modernidade.

Isso se realiza por meio de governos, regimes e mídias em sintonia e com um fim: os interesses do titular acima de tudo, reforçando a destruição do direito das pessoas. Estas continuam sem poder se expressar, usurpando a palavra democracia, que nada tem a ver com seu significado original, desrespeitando flagrantemente a Constituição. Essa, sempre, por sua vez abrindo brechas perfeitas para as possíveis interpretações para favorecer quem são julgados “merecedores”.

A nação, por meio dessa organização governamental e suas mídias, está fadada a regular o pensar, o agir e, o fazer do povo. As massas nunca têm oportunidade de conhecer a verdade. Elas até querem ilusões e não vivem sem elas. A verdade por sua própria natureza é incômoda, pois nos obriga a confrontar nossos desejos reprimidos, nossos medos mais profundos e as fraquezas que preferimos ignorar.

Por isso a maioria das pessoas busca narrativas que as confortem, mesmo que seja irreal. Aceitar promessas vazias e ilusões é mais fácil do que encarar a realidade como ela é com toda sua dureza e imperfeição. Arendt (2014, p.4) diz: “A relevância do discurso está em jogo, as questões tornam-se políticas por definição, pois é o discurso que faz do homem um ser político”.

REFERENCIAS

Arendt, Hannah. A Condição Humana. Trad. Roberto Raposo: Rev. Adriano Correia. Ed.12 – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

Arendt, Hannah. Origens do Totalitarismo. Companhia de Bolso; Edição de bolso 2013.

Kant, Immanuel. Textos Seletos. Edição Bilingue. Petrópolis: vozes 1985.